

MEMÓRIA, HISTÓRIA E FILOSOFIA

Erich Ferraz Farina

Aluno do Curso de Filosofia – Universidade Mackenzie

Introdução

Em termos históricos mundiais e principalmente no que se refere à civilização ocidental, o ano de 476 d.c., com a queda do poderoso império romano do ocidente marca o fim da Idade Antiga que legou ao futuro da humanidade toda a força do pensamento clássico dos gregos e romanos sendo, que aquele ano também, marca o início de um novo ciclo na história mundial denominado Idade Média que se estendeu por dez séculos, terminando em 1453 d.c. com a tomada de Constantinopla pelos turcos-otomanos caindo, desta vez, o império romano do oriente e iniciando-se o que se chama de Idade Moderna.

Já em 413 d.c., três anos após Alarico saquear e tomar Roma com o sucesso na terceira tentativa, Agostinho escreve a “Cidade de Deus” mas, apesar de morrer antes da derrocada final do império romano e, assustado com o horror que se instaurava no aparentemente indestrutível império, justifica essa queda afirmando que tudo é perecível, sendo que Roma fora destruída porque somente Deus é eterno, assim como somente o Reino dos céus é eterno.

Assim, há uma transição entre o fim de uma Europa unificada por Roma e que se desfaz em feudos, produzindo um período de obscurantismo e poucos avanços sendo frequentemente chamada de Idade das Trevas, para lentamente ir a uma nova visão que, somente no final do século XV e início do XVI, traria um período onde o homem voltaria a ter uma maior liberdade de pensamento.

Mas, embora a idade do medo fomentasse dogmas universais que negavam ao homem a sua autonomia e liberdade de pensamento e o avanço nas ciências, grandes avanços do saber filosófico serão atribuídos a essa fase tanto na Europa continental e insular, quanto aos orientais e árabes.

Dentro desta breve contextualização histórica os temas **tempo, memória e filosofia** serão apresentados dentro da visão da Filosofia Medieval, com a abordagem de Santo Agostinho, de Boécio e da prestativa compilação das obras de filosofia fornecidas por Santo Isidoro de Servilha, comunicando-se entre si os temas, bem como os pensadores.

Do tempo

Aurelius Agustos, Bispo de Hipona, ou simplesmente Santo Agostinho, nasceu em 354 d.c. em Tagaste, hoje Numídia na Argélia e morreu em 430 d.c. aos 75 anos.

Aos 17 anos Agostinho muda-se para Cartago para estudar retórica e, vivendo em mundo pagão e de caráter mundano, vive como um “Bom Romano”, amante da beleza, da violência e do sexo, tendo uma vida baseada em valores dionisíacos e hedonísticos baseada nos prazeres físicos. Após 15 anos de sua mudança ele engravida sua concubina e nasce seu filho Adeodato.

No ano de 386, quando tinha aproximadamente 32 anos, é que começa a sua entrada na história humana, depois de ouvir a sobre a vida de Santo Antão e instado por uma voz interior que lhe pedia para “tomar e ler” ele, então, toma a bíblia e abre aleatoriamente onde lê os capítulos em que Paulo mostra a transformação necessária ao crente, conforme citamos abaixo:

“Andemos honestamente como de dia, não em orgias e bebedices, não em impudícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-los do Senhor Jesus Cristo, e não vos preocupeis com a carne para não exitardes as suas cobiças” (Romanos 13:13-14)

Assim inicia-se a estória daquele que será considerado o maior representante da Escola patrística, que defendia o pensamento religioso, introduzindo e modelando as ideias de Platão ao cristianismo contra os ataques teóricos dos adversários da Igreja.

Dentro deste contexto factual e histórico, que Agostinho escreve as suas "Confissões", onde no Livro XI, trata do tempo. Seu pensamento sobre o tempo teve enorme difusão na filosofia ocidental. Para Agostinho o tempo serve para medir o movimento:

*"Quando um corpo se move, é o tempo que me serve para medir a duração de seu movimento do começo ao fim"*¹

Mas também serve para se constatar o repouso:

"...: ora, é o tempo que nos permite medir, não somente seu movimento, mas seu repouso, e dizer:

*"Ficou em repouso por tanto tempo quanto em movimento – ou: ficou em repouso duas, três vezes mais do em movimento – ou qualquer outra determinação, quer seja exata, quer seja, como se diz, aproximativa."*²

Com efeito, para Agostinho, o tempo identifica-se com a própria vida da alma e do homem e dentro desse diapasão só existe o tempo porque existe a alma sendo, então, esses dois conceitos intrínsecos entre si.

Assim, o tempo (ou o tempo da alma) pode se estender ao futuro (*Extensio Animi*) como também distender ao passado (*Distensio Animi*) e no tempo da alma presente estaria o presente, o passado e o futuro.

Para ele a alma poderia esperar algo, recordar de algo e também poderia prestar a atenção em algo. Então, aquilo que a alma espera é projetado para o futuro; Aquilo que a alma presta a atenção fica em sua

¹ Confissões. Agostinho, Santo. Rio de Janeiro: Saraiva. 2012, p 351.

² *Op. Cit.* p. 352

memória presente e, por fim, aquilo que é recordado pela alma é trazido do passado para o presente.

Então, o tempo seria somente o presente, pois o passado está apenas em nossa memória e na recordação e, o futuro, está somente na espera e na expectativa da alma por algo, portanto, nós somente vivemos o tempo presente

Sendo, o passado, a recordação no tempo presente de eventos passados, na medida em que é uma recordação dos fatos retidos na memória. E, o tempo futuro, estaria também no presente, pois é a espera da alma de que algo aconteça num futuro de acordo com as expectativas feitas no presente.

Assim, mesmo que o futuro ainda não exista a alma já têm uma expectativa e então espera e, mesmo que o passado já não exista, a alma ainda terá a recordação e memória dos fatos passados fazendo que tais fatos do passado sejam trazidos ao presente, ao serem recordados pela alma.

Para responder a pergunta sobre o que existia antes do tempo e o que Deus fazia antes do tempo, Agostinho diz:

*"Todos os tempos são obra tua, e tu existes antes de todos os tempos, e é impossível que tenha existido tempo quando o tempo ainda não existia."*³

Portanto, para Agostinho, Deus criou o tempo e antes dele não havia o tempo e sim a eternidade, que é o tempo sem tempo e, a partir da criação do tempo, vivemos um eterno presente onde o passado é a lembrança no presente e, o futuro, uma expectativa produzida no presente.

1. ³ *Op. Cit.* p. 340.

Da memória

A mnemônica ou mnemotécnica é a arte de cultivar a memória.

Santo Agostinho considerava a memória como o parte da alma e inerente ao ser, ele diz:

*"Contudo, a memória nada mais é que um poder própria da minha alma, que pertence a minha natureza."*⁴

Assim a memória em Agostinho é um receptáculo do conhecimento no sentido da retenção do saber aprendido e, ainda, relacionava a memória com o próprio Eu, sendo que a fidelidade à memória dos fatos passados determinaria a identidade do Eu e a traição do Eu seria justamente uma negação da memória e de sua identidade.

Ele trata da memória no Livro X, Capítulos 8. ao 21.º .

Logo no Capítulo 8.º nos diz:

*"Mas eis-me diante dos campos, dos vastos palácios da memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie Lá estão guardados todos os nossos pensamentos...., e tudo o que aí depositamos ou reservamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido pelo esquecimento."*⁵

No palácio da memória estariam as lembranças que poderiam ser boas ou más e, em sendo tanto as boas quanto as más recordações coisas do passado, são lembranças e não podemos nos esquecer totalmente delas, Agostinho quanto ao esquecimento absoluto diz:

"Não se pode, pois, dizer que nos esquecemos totalmente daquilo de que nos lembramos ter esquecido."

⁴ Op. Cit., p. 285.

⁵ Op. Cit., p. 283.

De nenhum modo poderíamos procurar uma lembrança perdida se seu esquecimento fosse absoluto.”⁶

Aqui cabe uma digressão sobre o ato de perdoar, que seria então um processo de se lembrar das más recordações, dos fatos desagradáveis, porém sem julgá-los pois, assim, se extinguiria o rancor, a raiva e o remorso existente quando se recorda das coisas julgando, assim, perdoar é uma recordação da memória sem um julgamento ou juízo, ou seja, perdoar não é esquecer mas sim lembrar sem condenar.

Agora veremos que, em Boécio, teremos a melhor expressão do uso do poder da memória embora isso remeta a um evento trágico. Assim, algumas perguntas que um condenado faria para si sabedor que a morte se aproxima, tais como: Quem define o nosso destino? Onde se decide o nosso futuro? É o que pergunta para Boécio a Filosofia, no Livro I, parte I. 12:

“ E ela disse: "Achas que este mundo é conduzido por fatos acidentais e governados pela Fortuna, ou achas que é governado por uma Razão?"⁷

Boécio nasceu em Roma no ano de 480 d.c. morrendo em data incerta (entre 524 a 525), em Pávia, Itália. Boécio tinha tudo, família, honra, foi senador romano, cônsul e chegou a mestre de ofício (chefe de governo) do ostrogodo Teodorico, mas em dado momento perde tudo e viu-se então acusado de traição e de magia sendo preso, torturado e executado.

Na obra *“De consolatione philosophiae”*, Boécio exprime toda a sua necessidade de busca para aquelas perguntas nos momentos finais de sua vida, com seu destino já decidido.

Porém para isso e devido a sua condição de encarcerado, deverá recorrer somente à sua memória para se recordar de todo o seu conhecimento filosófico e teológico para que antes de morrer tenha algum

⁶ *Op. Cit.*, p. 297

⁷ *Op. Cit.*, p. 21.

consolo da sabedoria para a sua alma. Assim, ele é questionado pela Filosofia:

"Mas dize-me, tu te recordas da finalidade do universo e para onde tende toda a Natureza?"⁸

E Boécio responde:

"Certa vez eu a aprendi"⁹

Então, usando sua capacidade de memorização de tudo o que havia lido ele empreende a sua caminhada para a luz. Nessa trajetória, usará a filosofia como cura ao levantar-se do chão e, procurando por uma eternidade que o console diante do seu inexorável destino que se aproxima, busca na filosofia essa consolação pois esta, não pode estar nem nas musas da poesia (as meretrizes teatrais) nem na deusa da "fortu" (sorte) que com sua roda promove o acaso, ora dando sorte ora revés e, então, o destino deve ser responsabilidade nossa dentro da relação entre causa e efeito.

Por fim, quanto à eternidade e, num exercício impressionante de suas recordações, Boécio dialoga com o pensamento aristotélico e, infere que, o eterno não é condicionado ao tempo e o ser só pode ser considerado eterno se abranger e possuir em sua totalidade a plenitude de uma vida sem limites, onde nada lhe falte do futuro e nada tenha lhe escapado do passado ou seja, o ser eterno é aquele que possui necessariamente por inteiro o presente e a infinidade do tempo, ou seja, a posse simultânea e total da vida ilimitada.

Cito:

"Pois bem, a eternidade é a posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada (...). Com efeito, todo o ser que vive o presente no tempo vem do passado e caminha para o futuro (...). Portanto, aquele que está sujeito a lei do tempo, mesmo se, como pensava

⁸ *Op. Cit.*, p. 21.

⁹ Boécio. A consolação da Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p. 20.

Aristóteles, sempre começa e jamais cessa de ser e cuja vida se desenrola segundo o ritmo de um tempo ilimitado, não pode no entanto ser concebido como um ser eterno. Pois, mesmo que a extensão de sua vida seja ilimitada, não pode aprender e abarcar totalmente e de uma só vez sua vida, já que não possui mais o passado e ainda não desfrutou o futuro. Por conseguinte, aquele que apreende e possui de uma só vez a totalidade da plenitude de uma vida sem limites,(...), esse sim pode ser considerado com razão como um ser eterno,... ¹⁰

Da filosofia

As abordagens filosóficas acerca do tempo e memória em Santo Agostinho até hoje nos traz reflexão assim como a obra mnemônica de Boécio, "A consolação da Filosofia", retrata de forma viva a busca pela luz da Filosofia em um condenado à morte.

Porém, sem Santo Isidoro de Sevilha, que nasceu em 560 na Espanha e morreu em 636 em Sevilha, talvez não teríamos o acesso às obras filosóficas.

Ele teve suma importância no que tange à conservação e compilação do acervo do pensamento filosófico clássico e antigo que serviram de base para o conhecimento e acesso à filosofia, matemática, lógica e música, e em especial suas traduções e comentários dos tratados de lógica de Aristóteles, que serviriam de base para a Escolástica, tudo isso faz de Isidoro, o maior responsável pela continuidade e acesso do pensar filosófico.

Portanto, Santo Isidoro foi o responsável por evitar que grandes obras fossem perdidas, com seu compêndio "Etymologiae", as Etimologias, onde se tentou pela primeira vez juntar os fragmentos de todo o saber

¹⁰ *Op. Cit.*, p. 150,151

adquirido até então e, por essa reunião do conhecimento foi a ele creditado a nomenclatura de “padroeiro da internet”¹¹.

Essa obra , segundo O´Connor, é

“É um grande armazém em que é recolhido, sistematizado, e condensado , todo o conhecimento possuído pelo seu tempo. Ao longo da maior parte da Idade Média foi o livro mais em uso nas instituições de ensino. Então era altamente considerado como um depositário do saber clássico que em grande medida, ele substituiu o uso dos trabalhos individuais dos próprios clássicos.” ¹²
(tradução nossa).

De fato, nessa obra monstruosa que consistia em 448 capítulos divididos em 22 volumes onde Santo Isidoro resume e sumariza o que Bráulio diz ser “praticamente tudo o que se é preciso saber”¹³ e durante praticamente seis séculos, até o século XII, quando surgiram as primeiras traduções dos árabes, a obra de Isidoro foi a responsável pelo contato dos europeus com o pensamento de Aristóteles sendo, portanto, o responsável

¹¹ *Original em ingles :* “ It is a vast storehouse in which is gathered, systematized, and condensed, all the learning possessed by his time. Throughout the greater part of the Middle Ages it was the textbook most in use in educational institutions. So highly was it regarded as a depository of classical learning that in a great measure, it superseded the use of the individual works of the classics themselves”.fonte: WIKISOURCE. “St. Isidore of Seville”, *Catholic Encyclopedia*, domínio público, Endereço: [http://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_\(1913\)/St._Isidore_of_Seville](http://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_(1913)/St._Isidore_of_Seville), escrito por John Bonaventure O´Connor. Página visitada em 10/10/2014.

¹² “**quecunque fere sciri debentur**”.Bráulio. *Elogium de Isidoro que aparece como apêndice da “De viris illustribus” de Isidoro, citado por Wikipedia*. Endereço: http://pt.wikipedia.org/wiki/Isidoro_de_Sevilha#cite_note-10. Página visitada em 10/10/2014.

¹³ “Há cerca de um ano atrás (em março de 2000), depois de muita discussão e pesquisa, o Serviço de Observação da Internet, sob a inspiração do Conselho Pontifício para a Comunicação Social, do Vaticano, resolveu apoiar o nome de Santo Isidoro. Como não se trata de ação que exija aprovação papal, Santo Isidoro deve ser considerado o patrono da Internet”. Endereço: <http://www.blocosonline.com.br/variedades/internet/02.php>. Página visitada em 10/10/2014

por apresentar as obras Aristotélicas em sua terra antes que os árabes tivessem conhecimento e fossem a elas apresentados.

3. Conclusão

Pode-se concluir que há uma intercorrelação entre os temas sendo o tempo visto sob a ótica da memória e ambos abordados dentro do pensamento reflexivo racional filosófico.

De fato, as obras desses pensadores possuem uma importância histórica e filosófica que causa reflexão até hoje. Vimos também, a importância da conservação dos escritos antigos que através de compilações de grandes homens, como Isidoro de Servilha, possibilitaram o acesso a essas grandes obras para ser utilizada para fins didáticos e de aprendizado.

Então, tão importante quanto o conhecimento produzido é o acesso a ele.

Portanto, essa iniciativa de conservação dos escritos antigos e clássicos por homens como Santo Isidoro possibilitaram que tivéssemos acesso ao conhecimento produzido para que, sendo ele repassado entre as gerações, permitisse cada vez mais um esclarecimento, através do pensamento filosófico, da melhor maneira de se pensar as relações entre tempo, memória e filosofia, ou seja, em última instância, permitisse uma melhor maneira de compreensão da relação filosófica entre os fenômenos do mundo e nós mesmos.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, 4. º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

BOÉCIO. *A consolação da Filosofia*. São Paulo: Martins fontes, 2013.

CONNOR, John Bonaventure O`.WIKISOURCE. "St. Isidore of Seville", *Catholic Encyclopedia*, domínio público. Endereço: [http://en.wikisource.org/wiki/Catholic Encyclopedia \(1913\) / St.Isidore of Seville](http://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_(1913)/St.Isidore_of_Seville). Página visitada em 10/10/2014.

CRESCENZA, Luciano de. *História da Filosofia Medieval*, tradução de Mario Fondelli. São Paulo: Rocco, 2014.

WELLS. H.G. *História Universal*, segundo tomo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.



<http://revistapandorabrasil.com>